

A TRAJETÓRIA DAS REZADEIRAS DE TRADIÇÃO NO BRASIL COLONIAL E SUAS FORMAS DE EXISTÊNCIA – UMA ANÁLISE PSICOSSOCIOLÓGICA

ANDREA GONCALVES, MARGARETH ALVES, SAMIRA LIMA E CLÁUDIA REINOSO

A TRAJETÓRIA DAS REZADEIRAS DE TRADIÇÃO NO BRASIL COLONIAL E SUAS FORMAS DE EXISTÊNCIA - UMA ANÁLISE PSICOSSOCIOLÓGICA

THE TRAJECTORY OF TRADITIONAL PRAYERS IN COLONIAL BRAZIL AND ITS FORMS OF EXISTENCE - A PSYCHOSOCIOLOGICAL ANALYSIS

ANDREA GONCALVES DA LUZ¹

andreadaluz45@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4960-553X>

MARGARETH ALVES PONTES²

noela2003@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8778-9806>

SAMIRA LIMA DA COSTA³

biasamira@medicina.ufrj.br
<http://orcid.org/0000-0003-4891-0436>

CLÁUDIA REINOSO ARAÚJO DE CARVALHO⁴

claudiareinoso@medicina.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0003-4105-9191>

¹ Doutoranda em psicossociologia de comunidades e ecologia social no Programa de Pós-graduação Eicos/UFRJ. Integrante do grupo de pesquisas no Laboratório Memórias, ocupações e territórios: rastros sensíveis - Labmems (CNPQ). Bolsista da Capes. Mestre em Psicanálise e Políticas Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

² Graduação em terapia ocupacional - Ufscar, especialização em morfoanálise, especialização em antropologia da saúde - Fiocruz/AM. Mestrado em saúde pública pela Universidad Americana - PY e doutorado em psicossociologia de comunidades e ecologia social - UFRJ. Trabalho no Hospital Universitário Getúlio Vargas da Universidade Federal do Amazonas - Ufam e no Caps AD Afrânio Soares em Manaus.

³ Terapeuta ocupacional, psicossocióloga, pós-doutora em antropologia social. Professora associada da FM/CCS/UFRJ. Coordenadora dos grupos de pesquisa "Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações - rastros sensíveis" e "Sabedorias silenciosas e ecoespiritualidade".

⁴ Professora associada de Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da UFRJ (saúde pública pela Ensp/Fiocruz/IP/UFRJ). Doutora e mestre em saúde pública pela Ensp/Fiocruz.

Resumo

As rezadeiras atuam no Brasil desde o período colonial e atravessaram séculos com a missão de transmitir seu legado às gerações futuras. Uma herança ancestral, pautada em práticas de curandage integradas à espiritualidade e à relação com os elementos da natureza. O presente artigo aborda o processo de resistência às perseguições que esse grupo de tradições sofreu ao longo de sua história. A partir de uma perspectiva psicossociológica, apresenta-se um debate teórico em torno da temática, apoiado na literatura recente. Discute-se a atuação do extenso trabalho das rezadeiras dentro de comunidades, atuando ao longo dos tempos como se fossem conselheiras, médicas, farmacêuticas e parteiras, sendo um verdadeiro amparo para muitas famílias. Conclui-se, por suas práticas mágico-religiosas, que sofreram perseguições da Igreja católica, no período da Inquisição, e da comunidade médica, devido à utilização de recursos da medicina natural para curandage; hoje as rezadeiras vivem sob o medo pelo crescimento da intolerância religiosa. Com as pressões sofridas em todo o seu percurso, esse grupo de tradições foi desaparecendo e, apesar de seu ofício ser reconhecido como patrimônio imaterial, são poucas as que ainda resistem atuando nas periferias das grandes cidades e nas zonas rurais.

Palavras-chave: Rezadeiras. Curandeiras. Brasil. Memória social. Psicossociologia. Ocupações tradicionais.

Abstract

Prayers have been working in Brazil since the colonial period, spanning centuries with the mission of transmitting their legacy to future generations. An ancestral heritage, based on healing practices integrated with spirituality and the relationship with the elements of nature. This article addresses the process of resistance to the persecution that this group of traditions has suffered throughout its history. From a psychosociological perspective, a theoretical debate around the topic is presented, supported by recent literature. The extensive work of prayer women within communities is discussed, acting over time as if they were counselors, doctors, pharmacists and midwives, being a true support for many families. It is concluded that their magical-religious practices, which suffered persecution from the Catholic Church during the period of the Inquisition; of the medical community for using natural medicine resources for healing. Today they live in fear of the growth of religious intolerance. With the pressures suffered throughout their journey, this group of traditions disappeared and despite their craft being recognized as intangible heritage, there are few that still resist operating on the outskirts of large cities and in rural areas

Keywords: Prayers. Healers. Brazil. Social memory. Psychosociology. Traditional occupations.

Introdução

O presente artigo propõe-se ao estudo sobre o ofício das rezadeiras no Brasil e o processo de resistência desse grupo de tradições no correr dos séculos. O ofício das rezadeiras é de longa data, porém, no Brasil, suas práticas se intensificaram a partir da colonização, com a chegada de suas antecessoras: as europeias, que tiveram no Brasil um local de exílio após o julgamento no tribunal do Santo Ofício, e as africanas, que chegaram no contexto da escravização.

Os conhecimentos ancestrais trazidos por essas mulheres fundiram-se aos saberes das anciãs indígenas que habitavam estas terras e detinham profundo conhecimento da flora brasileira, que muito contribuiu para a manutenção da comunidade ameríndia.

Os estudos de Martins, Campos e Clarindo (2023) convocam-nos a uma reflexão acerca “dos processos de colonização entrelaçados às tentativas de aniquilamento político dos saberes tradicionais femininos” (p. 202). Nesse contexto, os autores desenvolvem um estudo sobre as perseguições vividas durante o período de Inquisição e fazem um recorte, trazendo em destaque o cenário brasileiro e as bruxas tropicais.

Por intermédio da articulação entre os conhecimentos das mulheres negras escravizadas, das mulheres mestiças e das mulheres indígenas às figuras demoníacas cristãs, os inquisidores puderam difamar os deuses presentes nas religiosidades destes grupos, fazendo com que nas colônias emergissem rumores de que as entidades ou deuses a quem elas cultuavam, eram, na verdade, opositores ao Deus católico. Essas configurações apontam para as diferenças existentes entre a caça às bruxas realizada em solo europeu e em território nacional (Martins, Campos, Clarindo, 2023, p. 209).

A Inquisição foi um trágico e longo capítulo na história do mundo; apresentava em sua estrutura um aspecto religioso, porém havia intenções políticas e econômicas que moviam os interesses dos governantes. No Brasil, as mulheres que portavam conhecimento acerca das ervas e da espiritualidade eram consideradas bruxas; elas atuavam com a medicina popular, tratando doenças, realizando partos, rezando

diversos males, eram conhecedoras das plantas medicinais e tinham poderes mágico-religiosos.

O conhecimento de curandage remonta à Antiguidade e segue até os dias de hoje, com a transmissão intergeracional desse saber pela oralidade. Na Idade Média, as práticas das mulheres curandeiras teve o seu auge, expandindo-se em várias partes do mundo e mantendo a mesma estrutura de interação com a espiritualidade e a natureza.

No Brasil, as rezadeiras seguem o mesmo princípio e expandem seu conhecimento a um público diversificado, consulentes de várias classes sociais, com demandas relacionadas a questões de saúde, espiritual ou material.

A disseminação e a popularidade do ofício de curandage, de certa forma, abalaram a comunidade médica no período colonial, que era composta por um pequeno grupo de médicos vindos de Portugal que, sendo poucos, cobravam altos valores em suas consultas, atendendo a público seletivo da alta sociedade e da realeza.

As rezadeiras, no entanto, tornaram-se fortes concorrentes, pois ofereciam atendimento que buscava abarcar todas as demandas do consulente. A forma que esses profissionais de saúde utilizaram para desmontar as práticas da medicina popular foi pela desvalorização desse saber e do descrédito das mulheres que exerciam as práticas de curandage. A partir desse momento, elas passaram a sofrer discriminação na comunidade em que prestavam atendimentos, sendo chamadas de charlatãs. Wedig e Ramos (2020, p. 491) sinalizam o impacto que a desvalorização produziu, refletindo na atualidade com a negação e a invalidação de saberes dos povos tradicionais:

A medicina alopática (hegemônica), em nome da Ciência ocidental (régia), enquanto forma de reprodução de saber e poder, reporta aos povos marcados pela ferida colonial, uma não possibilidade de exercer plenamente suas práticas de saúde, que foram classificadas como “primitivas” e “atrasadas”.

Com base nessas questões, identificam-se as perseguições que as rezadeiras de tradição sofreram ao longo do tempo e as formas de

resistência que criaram para continuar na transmissão de seu legado até os dias de hoje.

Tessitura do artigo

O caminho metodológico escolhido para a tessitura deste artigo deu-se a partir da literatura, do estado da arte na temática e das reflexões das autoras, com base em suas experiências de pesquisa, o que se configurou em ensaio teórico-reflexivo em diálogo com as publicações recentes sobre a temática.

O problema da pesquisa surgiu a partir de questionamentos acerca da possível desvalorização do ofício das rezadeiras de tradição e da representação simbólica desse grupo na contemporaneidade. Em função disso, surge como problema o certo apagamento social das mulheres rezadeiras e o possível enfraquecimento de seu legado. Durante a discussão teórica, considerando os autores que recentemente se ocupam da temática, algumas hipóteses acerca dessas questões foram abordadas e seguirão em debate.

Psicossociologia comunitária

Entender a discussão sobre a resistência das rezadeiras ao longo do tempo sob o prisma da psicossociologia originalmente francesa não é suficiente para compreender os fenômenos contemporâneos do sul global. Por isso, remetê-los-emos aos aspectos históricos da psicossociologia latino-americana.

É importante ressaltar que a história dos povos tradicionais do Brasil é marcada pela violência estrutural, cujos saberes foram suprimidos e desvalorizados no processo de colonização. A força e a potência da ancestralidade mantiveram-se vivas em meio a grupos que trabalhavam em função da existência e manutenção desses legados, e a psicossociologia comunitária teve grande participação nesse processo.

Podemos dizer que o surgimento e o desenvolvimento da psicologia comunitária na América Latina ocorreram durante os anos 1960 e 1970, em contexto de crise econômica e política que desencadeou, tanto no Brasil como na América Latina, lutas populares em que o autoritarismo político presente era respaldado pela intervenção contrainsurgente dos EUA.

Dias (2020) pontua que, devido à fragilidade da psicologia latino-americana, era preciso criar uma nova psicologia na qual os psicólogos pudessem trabalhar na comunidade. Dessa forma, a psicologia comunitária propôs que a função do psicólogo fosse de desalienar pessoas e grupos, auxiliando no desenvolvimento de um saber crítico sobre si e sua realidade social para que não reproduzissem a tão esperada dominação social (Martín-Baró, 1985; Pizzi, Gonçalves, 2015).

Embora a Igreja católica, em algum momento, tenha exercido forte oposição às rezadeiras, elas foram importantes para o fortalecimento da psicossociologia latino-americana por conta da Teologia da Libertação (movimento religioso da Igreja católica contra a opressão dos mais pobres), que influenciou teóricos importantes da região, como Maritza Montero, Ignacio Martín-Baró e Paulo Freire, entre outros (Arendt, 1997).

Martín-Baró foi um dos mais importantes pensadores da psicologia latino-americana, criador da psicologia da libertação, além de ser ativista a favor dos direitos dos povos oprimidos. Costa (2015) ratifica que a psicologia latino-americana serviu ao modelo capitalista para moldar as mentes e os comportamentos pelos modelos dominantes, que se baseavam no positivismo, no individualismo e no hedonismo.

Percebendo que a psicologia social não estava preparada para atuar num contexto de pobreza, opressão, desigualdades e exploração do povo latino-americano, Martín-Baró criou a psicologia da libertação com o intuito de que os psicólogos se comprometessem com a libertação dos povos latino-americanos e a libertação das estruturas sociais opressoras, seguidas da libertação pessoal (Martín-Baró, 2009).

Com essa perspectiva, a psicologia comunitária no Brasil viveu momentos de mudanças na metodologia da psicologia social para o

estudo da subjetividade e dinâmica dos grupos comunitários. Nessa época o Brasil fervilhava imerso na ditadura militar em concomitância com diversos movimentos sociopolíticos. Vários grupos ligados às tradições foram desarticulados e lutavam por manter vivas a história e as heranças ancestrais; entre eles, as rezadeiras sentiam com intensidade toda a opressão e o descrédito sobre seu ofício.

Durante o período da ditadura, surgiu a educação popular de Paulo Freire, que, junto com diversos profissionais, psicólogos incluídos, desenvolveu um programa de alfabetização de adultos como forma de os conscientizar, potencializando não só a consciência de um saber pelo aletramento como também a consciência de si e de seus ancestrais, trazendo ao sujeito suas origens e seus valores.

Os povos tradicionais, a partir de movimentos gerados por profissionais com ideais ligados à psicossociologia, puderam se fortalecer e trazer, até os dias de hoje, toda a potência e força de um povo que tem em sua história as marcas de sofrimento, mas também de glórias conquistadas por seus antepassados. A partir de então, podemos destacar neste artigo um pouco da trajetória das rezadeiras de tradição.

Percurso histórico das rezadeiras de tradição, caminhos na ecoespiritualidade e na biointeração

Para entender o universo das rezadeiras de tradição, é importante um retorno ao passado, a fim de conhecer sua trajetória e o importante papel que desempenharam na sociedade brasileira na época da colônia, perdurando até os dias de hoje como resistência cultural.

Conhecer esse percurso histórico nos permitirá entender sua representação simbólica na atualidade e o legado deixado para as gerações futuras, que hoje é considerado patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Segundo Ayala e Nascimento (2013, p. 5),

No Brasil o reconhecimento do patrimônio imaterial é recente, tendo em vista que, nas últimas décadas, as pessoas associadas a suas atividades sociais e culturais comunitárias

passam a ser reconhecidas, sendo capaz de contribuir para composição e a permanência da tradição e da cultura através de suas experiências de vida.

No retorno a essa história, deparamo-nos com várias incursões, entre elas a chegada dos povos que viriam a compor a nação do Novo Mundo. As rezadeiras brasileiras nasceram com a construção do Brasil colonial, com a chegada de suas antecessoras, mulheres expatriadas, africanas escravizadas e as bruxas europeias exiladas pela Inquisição, todas emantadas por sua fé e por conhecimentos ancestrais que as ajudaram a suportar todo o massacre cultural vivido na viagem rumo a uma terra desconhecida.

As primeiras rezadeiras que habitaram o Brasil foram as imigrantes que chegaram na condição de escravas vindas da África e as portuguesas conhecidas como saludadoras ou santeiras, que foram exiladas no Brasil, no período da Inquisição, pelo crime de feitiçaria.

Segundo Martins, Campos e Clarindo (2023, p. 208), os “saberes e práticas dos povos originários que possuíam conhecimentos ancestrais sobre a fauna e a flora local, se fundiam de forma complexa no cotidiano com saberes africanos”.

A aprendizagem desse saber sincrético tem como estrutura a transmissão pela oralidade, conforme pontuam Almeida e Perovano Filho (2021, p. 84): “para a formação de rezadeiras ou benzedadeiras deve haver um processo em que são passados os conhecimentos geralmente de mãe para filha, são atividades realizadas sem remuneração, mas são consideradas como um ofício”.

Sobre o processo de transmissão de saberes intergeracionais, Martins, Campos e Clarindo (2023) reiteram as considerações do parágrafo anterior, em diálogo com Almeida e Perovano Filho (2021), ao considerar que

Os conhecimentos e práticas versados no uso das ervas com finalidade de cura e tratamento para enfermidades do corpo e do espírito, foram transmitidos através da oralidade, de geração a geração, e se consolidaram como uma característica primeira das mulheres de Abya Yala. Conhecimentos que mesclavam saberes dos povos originários, dos povos da África e

Por outra perspectiva, Lovo (2019, p. 89), ao realizar um estudo com as rezadeiras Pankararu, destaca que “a ciência Pankararu diz respeito aos saberes adquiridos pelo dom ou por tradição familiar. O dom é um conhecimento que a pessoa adquire desde nascença, tendo um maior prestígio”.

O processo de aprendizagem depende, no entanto, de cada rezadeira, pois, como enfatiza Silva (2020, p. 20), “o tornar-se rezadeira é um processo contínuo, que depende não apenas de poderes espirituais e manejo de ervas e plantas terapêuticas, mas principalmente da forma como a comunidade compreende e aceita suas determinações”.

No decorrer de seu artigo, Silva (2020) faz um recorte a partir dos relatos das rezadeiras presentes em sua pesquisa, colocando em destaque o contexto do ofício da reza e a cultura local, que estão relacionados ao convívio com as cobras, na cosmologia amazônica.

propomos, em comunhão com as narrativas das rezadeiras dona Ângela, Deuza Rabêlo, Maria Esther e Maria das Dores, desvelar a atualidade das representações ofídicas enquanto formas de identificação social, poder e espiritualidade no cotidiano de povoados amazônicos. Essas mulheres desenvolveram o dom de rezar de diferentes maneiras: aprendizado familiar, iniciação com os encantados do fundo ou ainda na barriga materna derivada de “maldição” por entidade ofendida (Silva, 2020, p. 4).

Nas narrativas dessas rezadeiras, os encantados têm grande participação na transmissão desses saberes, pois, segundo histórias locais, eles são responsáveis pelo rapto de crianças, levando-as para o seu mundo e dando-lhes o dom das rezas, de forma que retornem para suas casas imbuídas desse saber mágico e sigam no trilhamento do ofício de rezadeira.

A cobra, dentro da cosmologia amazônica, está relacionada ao mundo dos encantados; é também ser muito antigo e sagrado presente nas histórias que envolvem a espiritualidade e manifesta nas histórias bíblicas, como vemos em Adão e Eva, e na sua transmutação em cajado

na história de Moisés. Nesse contexto da representação da cobra em uma região de encantamentos como a Amazônia, as rezadeiras referidas no artigo de Silva e Pacheco (2015) relatam que, ao ser iniciadas pelas cobras para atuar no ofício dos encantamentos, não podem rezar pessoas que foram picadas por elas ou que tenham cobreiro, pois estão proibidas.

Segundo dona Ângela, uma das entrevistadas pelo pesquisador Silva (2020, p. 5), “Se teimo e começo a rezar em gente com toque de cobra, pode esperar! No fim da tarde a dor de cabeça me toma que falto ficar doida... assim é quando rezo em parente – eles não entendem –, mas os outros é que devem rezar neles e não eu. Os encantos têm suas ordens, né?”.

Para Simas e Rufino (2020), os encantados são seres que passaram pelo tempo e adquiriram outras formas para permanecer vivos. Ferretti (2008) ratifica que eles viveram na terra e, sem morrer, desapareceram ou nunca tiveram corpos físicos, não sendo considerados seres que morreram. São invisíveis para a maioria, apenas pessoas com percepção extrassensorial ou mediúnicas conseguem enxergá-los, vivem nas encantarias, lugar entre a terra e o céu. Comunicam-se com os humanos por sonhos, em locais isolados da natureza, em rituais mediúnicos, em vigílias e quando são chamados. Normalmente protegem os humanos, mas também podem castigá-los.

Quando penso em espiritualidade ecológica, penso na comunicação entre diferentes seres. O que remete aos meus sentimentos, pensamentos e minhas vivências pessoais. (...) Entendo espiritualidade como algo interno e ao mesmo tempo maior do que qualquer sujeito – se manifesta como uma forte intuição, que em algumas pessoas já está desperta, enquanto em outras acredito que precisa ser estimulada para emergir (Pontes, 2024, p. 27-28).

Além do conhecimento da história regional, as rezadeiras possuem um profundo domínio sobre a flora medicinal que cresce no local que habitam, utilizando as plantas medicinais para a prevenção e tratamento de doenças, característica observável no artigo de Almeida e Perovano Filho (2021), que desenvolvem um estudo sobre as raízes dos conhecimentos etnociêntíficos. Nesse estudo, eles pontuam que “a

atuação das benzedeiras é muito importante para essas comunidades principalmente devido às dificuldades de acesso aos médicos, não se restringindo seus serviços à reza, mas também à cura, à realização de partos, entre outros” (p. 92).

A prática das culturas tradicionais populares, como as das rezadeiras e curandeiras, fortalece as relações de cuidados. Sobre esse ponto, Leal (2021), Leal e Galeffi (2019) e Rech (2011) chamam-nos para a urgência de que o ser humano seja sensibilizado a despertar para compreender o funcionamento de sua própria natureza e, assim, compreender sua interdependência dos demais seres existentes no planeta. Esse processo de tomada de consciência não deve ser apenas um saber intelectual, mas um saber que surge dos sentidos, da autopercepção e do autoconhecimento.

De acordo com Rech (2011), faz-se necessário termos consciência de que somos parte do planeta, do universo, uns dos outros e que, todos os seres vivos, formamos a grande comunidade de vida, bem como de que, através de uma visão ecológica que surge como um instrumento facilitador da integração entre todos os seres, podemos, por meio de nossas vivências e experiências, ter autocompaixão e compaixão por todos os seres (Leal, Galeffi, 2019).

Com base nos estudos de Gonçalves e Oliveira (2018, p. 260), acredita-se que exista divisão entre os processos de cura das rezadeiras e dos médicos, pois “a cura feita por esse segundo grupo estaria ligada não apenas ao corpo físico, ao mundo terreno, mas existiria uma conexão com a esfera espiritual, numa ideia de que as ‘perturbações/enfermidades/problemas/doenças’ seriam de algum tipo de desequilíbrio”.

As práticas de curandage são ponto forte no ofício das rezadeiras que atuam em doenças que os médicos desconhecem, pois partem de uma análise global sobre o sujeito e sua história. Podemos pensar que elas primam por uma visão holística do consulente, visto que os sintomas não são tratados de forma isolada, mas compõem como indicativo de um desequilíbrio do espírito e conseqüentemente do corpo.

A maneira como se organiza o trabalho das rezadeiras remete-nos a uma aproximação com os pensamentos da ecoespiritualidade, que nos ensina a respeitar a vida, fazendo com que sejamos a terra que sente, pensa, ama e celebra. Uma consciência que vem do coração, que se origina na própria pessoa, que integra o sujeito à natureza (Rech, 2011), em que a vida se mantém pela união, conexão e integração de todos os seres. Integração essa abordada pela forma de respeito pela vida, conhecida por nossos ancestrais e utilizada nas práticas de cuidados com o outro (For, 2019).

Araci Silva (2021, p. 10) relata que “essas mulheres têm um olhar clínico sobre a doença, experiência acumulada por uma vida de oração e atendimento, sempre disponíveis, em um ofício sem remuneração”.

Sobre esse assunto, Martins, Campos e Clarindo (2023, p. 210) afirmam que “a observação sobre a variação presente na construção e o enredamento desses saberes tornam-se importantes à medida que eles não apontam apenas para o processo de cura, mas anunciam as formas de doenças que podem ser tratadas”.

A maior parte das pessoas que buscam os serviços das rezadeiras é de moradores da comunidade na qual vivem, em geral pessoas com escassos recursos financeiros e que muitas vezes não têm acesso ao sistema público de saúde. As rezadeiras acabam por ser referência nesses locais.

Se organizarmos uma linha do tempo, refletindo acerca do sistema de saúde no Brasil, podemos considerar que, desde o período colonial até a atualidade, o acesso ao atendimento médico continua sendo uma dura realidade para os menos abastados.

Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), foi possível abarcar o atendimento a uma grande parcela da população; em locais mais periféricos, no entanto, muitas famílias ainda possuem dificuldade no acesso ao atendimento médico e acabam por buscar auxílio nos conhecimentos ancestrais das rezadeiras.

O artigo de Araci Silva (2021) ilumina esse ponto a partir da medicina de família e comunidade, unindo a biomedicina e a medicina

natural, trazendo tratamento de qualidade a todos os usuários desse serviço. A autora sinaliza o potencial de tal serviço para a possibilidade de criação de políticas públicas que possam viabilizar essa realidade para todos.

No artigo, ela trata da integração dos saberes populares nas práticas de medicina de família e comunidade. O recorte geográfico para o desenvolvimento desse estudo foi uma região periférica do Nordeste, e, como sujeito de pesquisa, ela selecionou uma médica pediatra especialista em medicina de família e comunidade, que nomeia no artigo dra. Popular, além de duas benzedeiras, nomeadas Benzedeira 1 e 2, ambas residentes na cidade de Triunfo, PE.

Silva (2021) faz uma articulação das práticas ancestrais das rezadeiras com o conhecimento médico-científico como instrumento de saúde pública. A partir da entrevista com a dra. Popular, é ressaltada a importância do olhar sobre o sujeito e seu entorno. Segundo a entrevistada, nos atendimentos focalizados nas práticas de saúde popular, é importante considerar as “condições econômicas, social e política, levando em conta a má distribuição geográfica dos serviços do SUS” (p. 34).

Um dado bastante relevante nesse artigo diz respeito ao modelo médico, cujo tratamento provém de um pensamento centrado na doença e seus sintomas, deixando de lado a compreensão do sujeito e seu meio. O artigo parte de uma realidade do Nordeste, comum também a outras regiões do Brasil.

Na entrevista a Silva (2021), a dra. Popular enfatiza a importância de olhar de uma forma global os beneficiários desse serviço e descreve o cenário cristalizado do modelo biomédico a partir de uma visão reducionista. Para ela,

sua potência é dirigida para a doença e não para o paciente e seu contexto. Para ter compreensão das dificuldades da implementação de uma medicina que visa à saúde de forma integrada, precisamos esclarecer do que se trata a medicina hegemônica, a denominada biomedicina, nascida do positivismo e desenvolvida de forma mecânica, sem a possibilidade de perceber o paciente como uma fonte material

Ao longo do artigo, a autora discorre sobre a importância do trabalho da medicina da família e comunidade, visto que nesse sistema há uma valorização do sujeito e do conhecimento popular que ele porta. Segundo Silva (2021, p. 37), “a ideologia desse paradigma é enxergar a pessoa na sua integralidade” (Silva, 2021, p. 37), e, nesse sentido, ela ressalta a importância do trabalho das rezadeiras, que têm o reconhecimento dos membros das comunidades em que atuam.

É importante refletir sobre a rede complexa que forma o ser humano; somos feitos e somos efeito de nossa matéria orgânica, genética, emoções, espiritualidade, vivências e ancestralidade. Como pode ser possível analisar somente os sintomas? As práticas de curandage trabalham em vertente contrária à escuta do sintoma, há primeiramente a escuta do sujeito que fala de seus sintomas, mas também de si, é importante pensarmos no ser humano além dos limites de seu corpo, pois ele é uno com o todo.

Segundo Moraes (1996), o ser humano, os demais seres e a Terra formam um único e imenso organismo que pensa, sente, respira, adoece e morre. Da mesma forma, Rosa (2016) enfatiza nossa inter-relação e interdependência de tudo e todos, determinando que o ser humano é a própria terra.

Em tese sobre rezadeiras, desenvolvida por Pontes (2024, p. 27), foi destacada a ecologia de si como uma forma de percepção do ser humano não como parte da natureza, mas como um ser que porta em si a própria natureza:

A Ecologia de Si surge da perspectiva ecológica, de um viver do ser mais integrado com a natureza, na epistemologia do cuidado do ser, em sua interrelação complexa com o Si mesmo, a partir da experiência humana que se revela como um caminho emergente da consciência de si vivendo em presença, num caminho de autoconhecimento e autotransformação da condição humana para o não viver em uma deriva de isolamento que promove o adoecimento e sim numa epistemologia do cuidado para a integração de um viver mais próximo da natureza.

As tradições de cultura popular como o caminho que busca as origens de cura e autocura do ser em um viver mais integrado com a natureza desafiam o ser humano a buscar o autoconhecimento e o cuidado visando ao despertar para sua natureza. De acordo com Leal e Galeffi (2019), essa consciência não é apenas um saber intelectual, mas um saber do coração, sabedoria que nasce de dentro.

A respeito dessa perspectiva, Lovo (2019) confirma em parte o que Silva (2021) retrata em seu estudo, acerca de um trabalho integrado entre o conhecimento popular e o conhecimento científico e a visão holística no atendimento ao sujeito, que também comparece nos estudos sobre o cuidado de si e a integração do ser com a natureza; por outro lado, entretanto, destaca a valorização da comunidade usuária sobre o saber das rezadeiras e os encaminhamentos que ocorrem a partir do contato com essas mulheres. O estudo de Lovo (2019, p. 83) foi desenvolvido no coletivo Pankararu, e ele explana que

quando alguém está enfermo, recorre-se, primeiramente, a uma rezadeira, sendo ela quem indicará se tal doença é da ordem dos encantados (ciência pankararu) ou dos homens da caneta (saber biomédico). Esses dois sistemas médicos operam de forma complementar, embora exista uma hierarquia entre eles, pois a intervenção do segundo só é feita com a permissão dos encantados. A doença é um desequilíbrio da vida social e a busca pela sua estabilização é um mecanismo de controle de corpos e cosmos.

O tema da espiritualidade e dos cuidados aqui abordado tem relação direta com as noções freirianas presentes no conceito de amorosidade, demonstrando que o conhecimento científico se cruza com outros saberes. Freire (2004) ainda sinaliza a importância dos saberes tradicionais na construção dos conhecimentos chamados científicos, porque eles coexistem e atuam em diversas modulações entre si, formando múltiplos matizes de saberes e fazeres. Segundo Pontes (2024, p. 26),

Por meio deste campo que se abriu, fui capaz de ver com nitidez um campo sutil que dialogava no silêncio, respondia por pequenas matizes de expressões, gestos e de ações fazendo com que meu corpo-terapeuta fosse acionado pelo campo da

ecoespiritualidade. Identificando o diálogo direto com a manifestação dos encantados.

Em contrapartida, Wedig e Ramos (2020, p. 493) apontam para uma direção oposta aos autores anteriores, já que, segundo eles, não há possibilidade de partilha e comunhão entre os saberes tradicionais e científicos, pois

As benzedeiras agenciam práticas de saúde e de religiosidade que divergem dos padrões dominantes das instituições oficiais e das normatizações médicas modernas e, ao mesmo tempo, sofrem com a repressão de suas práticas em razão dos ordenamentos dessas instituições. Elas realizam suas práticas em contextos sociais nos quais a população local tem grandes dificuldades de acesso à medicina oficial e, mesmo quando essa tem acesso mais imediato a hospitais e postos de saúde, não deixa de buscar o auxílio de cura e saúde das benzedeiras.

Os autores sinalizam a resistência da população pesquisada no que diz respeito à busca de atendimento com médico, mas apontam também para a pressão que as instituições de saúde exercem sobre as práticas da medicina popular realizadas pelas rezadeiras.

Na perspectiva dos estudos aqui citados, há realidades com iguais necessidades e demandas, mas com vivências diferentes, posto que eles tratam de regiões com mais e menos aporte econômico. O campo de pesquisa de Silva (2021) ocorre na periferia do Nordeste, e o de Wedig e Ramos (2020), no Paraná, com rezadeiras que integram o Movimento Aprendizes da Sabedoria (Masa).

Independentemente das condições de cada região do Brasil, no entanto, a estrutura do ofício das rezadeiras não se difere, pois foi originada da mesma base: a transmissão oral de um conhecimento ancestral pautado na religiosidade popular e na medicina natural. Esse coletivo de mulheres possui grande valor histórico, sendo as participantes consideradas guardiãs de um saber que atravessa os séculos e se faz presente nos dias de hoje.

Para Mendes e Cavas (2018), as rezadeiras são referidas como cuidadoras que tratam dos males físicos e corporais da comunidade em que vivem e, a partir desse lugar de cuidados, possuem atuação que

abarca desde o benzimento de gente e animais até o aconselhamento conjugal.

No referido artigo é retratado, além desse lugar de cuidados, o vasto conhecimento fitoterápico que circula em meio ao saber sobre as doenças e a forma de tratamento e parte “da identificação das moléstias ao tratamento com rezas, chás, banhos e unguentos preparados com as ervas colhidas, especificamente para cada caso, nos quintais de suas casas, utilizam-se de seus saberes tradicionais repassados pela oralidade através de gerações” (Mendes, Cavas, 2018, p. 3).

Com base no conhecimento fitoterápico e fitoenergético das ervas tornam-se compreensíveis as colocações de Rech (2011), quando considera que a espiritualidade ecológica é um dos caminhos para se ter consciência ecológica. Consciência essa que nasce dentro, é intuitiva e não intelectualizada.

Em diálogo com esses autores, Almeida e Perovano Filho (2021, p. 86) ressaltam que “o conhecimento etnocientífico desses povos está baseado na relação dos mesmos com a natureza. O uso de ervas, os cuidados com certos tipos de plantas, todos esses conhecimentos foram acumulados ao longo das gerações” e transmitidos a seus descendentes. Sobre esse profundo conhecimento das ervas, os autores esclarecem que muito se perdeu ao longo do tempo, devido às diversas formas de violência vividas pelos povos com conhecimentos ancestrais. E elucidam que

o conhecimento acerca da cura a partir do uso de ervas e rituais advindos dos indígenas foram, muitos deles, praticamente extintos pela imposição da cultura ocidental europeia após a colonização do Brasil pelos portugueses. Dessa forma, muito da cultura indígena se perdeu ou algumas foram extintas. Além disso, as crenças e também conhecimentos sobre uso de ervas para cura, trazidas de diferentes tribos africanas pelos afrodescendentes brutalmente escravizados pelos europeus deixaram um legado (Almeida, Perovano Filho, 2021, p. 83).

Lovo (2019, p. 88), em seu estudo, explana acerca do conhecimento dos Pankararu sobre as plantas medicinais, a partir de sua “farmacopeia conhecida como remédio de mato e que é bastante difundida entre a

população. Esses medicamentos são feitos a partir dos vegetais, sobretudo das entrecascas, raízes e folhas, utilizadas em maior medida devido à facilidade da sua coleta e do seu uso, a infusão”.

De acordo com Silva (2020), os saberes acumulados por rezadeiras, parteiras experientes e pajés são fundamentais para a manutenção das populações que vivem nesse sistema; no entanto, as práticas de curandage de povos tradicionais, segundo Wedig e Ramos (2020, p. 490), na atualidade são

estigmatizadas e invisibilizadas pelo modelo hegemônico de sociedade, realizadas, muitas vezes, de forma clandestina, em contextos marcados por preconceito, perseguição e marginalização, postos em curso tanto pelo Estado, através da força policial e de proibições jurídicas, como também pelas formas hegemônicas de saúde da Ciência ocidental.

A ancestralidade da comunidade reflete-se em nossa vida e em nossos conhecimentos, fazendo repercutir uma dimensão daquilo que vivemos e aprendemos no decorrer da vida. A comunidade da vida ensina-nos o respeito, a tolerância e a paz, e, acima de tudo, algo que busca acentuar o desafio de enxergar e não obscurecer a visão.

As rezadeiras, ao longo de seu trilhamento no Brasil, sofreram várias perseguições e, no período colonial, foram alvo dos inquisidores, um processo que, de acordo com Martins, Campos e Clarindo (2023, p. 211),

não coadunou apenas em um embate de saberes, como também culminou em violências e morte de curandeiras que, emaranhadas na história da formação do país, apontam para violações que ainda reverberam na atualidade, direcionadas, principalmente, às mulheres negras, pobres e indígenas.

Além da Inquisição, outras formas de perseguições se fizeram presentes; as comunidades médica e farmacêutica trabalharam em conjunto para enfraquecer a estrutura desse grupo de tradições e usurpar conhecimentos que serviriam para atingir um público que busca os cuidados da saúde por meio de medicamentos naturais. Sobre esse assunto, Wedig e Ramos (2020, p. 494) ressaltam que

Entre as ativistas do MASA é discutida frequentemente a perda de autonomia do uso das plantas e dos saberes a elas associados, pois a indústria farmacêutica e a de cosméticos vêm se apropriando desses conhecimentos e dos recursos genéticos, sobretudo das espécies vegetais usadas pelos povos e comunidades tradicionais. As empresas têm buscado controlar, patentear e monetarizar os fármacos que circulam (ou circulavam) de forma gratuita na medicina popular desses grupos. O uso industrial de plantas e de outros “recursos genéticos” pode levar à extinção desses e impossibilitar e/ou limitar o acesso dos povos e das comunidades tradicionais que deles dependem. Atualmente, o governo brasileiro, de forma explícita, apoia as grandes corporações farmacêuticas e a indústria de agrotóxicos, o que acarreta maiores problemas para as benzedeiras e outros detentores de ofícios tradicionais com relação ao uso das suas plantas de cura.

Nesse embate de perseguições, convivemos na atualidade “com o desenvolvimento do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo, concatenou-se também a visão das igrejas evangélicas sobre as religiões afro-brasileiras, e outros saberes e sistemas de crenças que não se aproximam da moral religiosa” (Martins, Campos, Clarindo, 2023, p. 212).

A intolerância religiosa tem crescido muito, sobretudo nos locais periféricos, onde há maior de números de religiosos. É nesses locais mais afastados dos grandes centros que vivem e atuam as rezadeiras. Almeida e Perovano Filho (2021, p. 82), em artigo sobre esse tema, argumentam que

a falta de estudos bem como a falta de respeito para com essas religiões, a intolerância religiosa, entre outros, são também (...) motivos para que as pesquisas voltadas ao conhecimento etnocientífico sobre as práticas das rezadeiras não sejam realizadas. Além disso, as atividades e centros de atendimento à comunidade sofrem ameaças e muitos já foram impedidos de dar continuidade às suas atividades.

Outra hipótese levantada por esses autores diz respeito à falta de credibilidade no ofício das rezadeiras, pois há estigmatização “e muitos acabam por definir como mera superstição, ignorando o fato dos conhecimentos étnicos e culturais presentes ali, bem como hábitos culturais pertencentes a uma origem” (Almeida, Perovano Filho, 2021, p. 87).

Os autores manifestam preocupação quanto à escassez de publicações, destacando como problema de sua pesquisa a pouca produção de estudos científicos e materiais bibliográficos com o intuito

de resgatar aspectos culturais, sociais, religiosos e também sobre as origens das tradições acerca das práticas realizadas por rezadeiras (Almeida, Perovano Filho, 2021, p. 80). Dos artigos analisados, somente esse fez referência às poucas publicações acerca das práticas das rezadeiras na atualidade, e seus autores frisam que “encontrar uma rezadeira nos subúrbios cariocas tem sido cada vez mais difícil” (p. 87).

A respeito da redução desse grupo de tradições ou sobre a sua invisibilidade, Cunha e Assunção (2017, p. 193) trazem uma afirmação que caminha em direção oposta aos autores aqui citados. Segundo eles,

Diferentemente do que se costuma imaginar, de que as benzedeiras sumiram porque já não há sentido para procurar seus serviços, as benzedeiras continuam muito procuradas, exigindo destas que exerçam o ofício integralmente, mesmo em idades avançadas. Se em outros ofícios populares houve um declínio por sua busca cotidiana, as benzedeiras não observaram a diminuição de pessoas que batem em sua porta, mesmo com o aumento no acesso aos bens básicos de saúde e educação.

Embora se identifiquem estudos que apontam em direções contrárias, conforme verificamos ao longo deste artigo, tivemos unanimidade acerca da importância do trabalho desenvolvido pelas rezadeiras nas comunidades onde atuam e do movimento de resistência que se fez presente em todo o seu percurso, iniciado no Brasil colonial e atuante até os dias de hoje.

Considerações finais

As rezadeiras constituem um grupo de tradições com grande valor histórico, e por isso são importantes as pesquisas sobre esse tema. O incentivo de produções acadêmicas e a promoção de rodas de rezadeiras, para a transmissão oral de um saber ancestral, muito têm contribuído para os estudos da religiosidade popular e da medicina natural.

Buscou-se com este artigo promover reflexões acerca da importância do resgate e da preservação dessa memória ancestral, com base nos preceitos da psicossociologia latino-americana, o que possibilita

um olhar para as rezadeiras como parte de nossas origens, reconhecendo-as em sua historicidade, sob o manto da ancestralidade.

Por tudo que essas mulheres vivenciaram ao longo do tempo e por todo o legado que se faz presente na atualidade, podemos pensar nas rezadeiras como um grupo de resistência. Foram muitas décadas de lutas para manter viva essa memória, a fim de levar à frente esse legado para as gerações futuras. As dificuldades que atravessaram e o desejo de velar por um patrimônio ancestral fizeram com que essas mulheres fossem merecedoras do título de guardiãs.

Mulheres anônimas e periféricas, que trabalham sem remuneração e sem reconhecimento social, rezam e cuidam sem esperar retribuição e, em determinado momento de suas vidas, recebem o chamado de outra mulher rezadeira e seguem girando a roda em uma estrada que pode ter fim se não pavimentarmos. Este artigo é um convite para o reconhecimento de um ofício tão nobre e importante que, de forma simples e quase invisível, ainda se faz presente nos dias atuais.

Às mulheres rezadeiras de nossa terra, o agradecimento pela contribuição do trabalho como sanitaristas ao longo dos séculos, pela religiosidade na forma mais sublime da fé e pela construção de nossa base na cultura popular.

Referências

ALMEIDA, Graciela Souza; PEROVANO FILHO, Natalino. Identidades étnicas e etnociências nas práticas de rezadeiras. *Odeere*, Jequié, v. 6, n. 2, p. 79-95, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/9750/6457>.

AYALA, Maria Ignês Novaes; NASCIMENTO, Daniele Gomes. As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses. *Nau Literária: crítica e teoria de literatura*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 1-16, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/43698/27901>.

ARENDT, Ronald João Jacques. Psicologia comunitária: teoria e metodologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-8, 1997.

COSTA, José Fernando Andrade. Fazer para transformar: a psicologia política das comunidades de Maritza Montero. *Psicologia política*, v.15, n. 33, 2015.

CUNHA, Lidiane Alves da; ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras. *Revista Brasileira da História das Religiões*, Maringá, v. 9, n. 27, p. 189-227, jan.-abr. 2017.

DIAS, Maria Sara de Lima. O legado de Martin-Baró: a questão da consciência latino-americana. *Psicologia para America Latina*, Puebla, n. 33, p. 11-22, jul. 2020.

FERRETTI, Mundicarmo. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. In: *VI Seminário de Ações Integradas em Folclore*. São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2004

FOR, Celso Samir Guíelcer de. Ecoespiritualidade: uma possibilidade pedagógica para o pensar. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 64-72, jul.-dez. 2019.

GONÇALVES, William Franco; OLIVEIRA, Oséias. "Adoro, faço com carinho, com amor": reza e benzeção em Irati, PR. *Interações*, Campo Grande, v. 19, n. 2, abr.-jun. 2018.

LEAL, Priscylla Lins. *Ecologia de si, a poesia das estações da vida: histórias de vida e relações terapêuticas de práticas integrativas e complementares em saúde*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

LEAL, Priscylla Lins; GALEFFI, Dante Augusto. Ecologia de si: caminho de consciência do ser como expressão da natureza. In: COSTA, Elisa Miranda (org.). [recurso eletrônico]. *Bases conceituais da saúde* 4. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 165-173.

LOVO, Arianne Rayis. Entre cruzeiros e flechadas: processos de adoecimento e cura a partir das rezadeiras Pankararu. *Nupem*, Campo Mourão, v. 11, n. 24, p. 82-93, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5733/3757>

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Para uma psicologia da libertação. In: GUIZO, Raquel S. L.; LACERDA JR., Fernando (orgs.). *Psicologia social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação*. Campinas: Ed. Alínea, 2009.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Acción e ideología: psicología social desde Centroamérica*. El Salvador: Editorial UCA, 1985.

MARTINS, Rafaela; CAMPOS, Mauro; CLARINDO, Adriely. Bruxas, curandeiras e benzedeiras: existências e resistências. *Revista Mosaico*, Goiás, v. 15, n. 23, p. 202-225, 2023.

MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Cláudio São Thiago. Benzedeiras e benzedeiros quilombolas: construindo identidades culturais. *Interações*, Campo Grande, v. 19, n. 1, jan.-mar. 2018.

MORAES, Maria. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. *Em Aberto*, Brasília, v. 16, n. 70, abr.-jun. 1996.

PIZZI, Bruno Passos; GONÇALVES, Mariana Alves. Reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a tarefa de transformação social na obra de Martín-Baró e na psicologia social comunitária. *Teoría y Crítica de la Psicología*, v. 6, número especial, p. 162-195. 2015.

PONTES, Margareth Alves. *Narrativas, escuta sensível, lugares (e não lugares) da espiritualidade nos cuidados da vida: psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral pelas mãos das rezadeiras de Mocambo do Arari, AM*. Tese (Doutorado psicossociologia de comunidades e ecologia social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2024.

RECH, Helena Teresinha. Espiritualidade ecológica. O caminho do coração. *Atualidade Teológica – Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 37, jan.-abr. 2011.

ROSA, André Luís da. A espiritualidade ecológica em Leonardo Boff. *IV Simpósio do Mestrado em Ciências das Religiões*, v.3, n. 1, 2016.

SILVA, Araci Farias. O papel das rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 21, edição especial, p. 31-43, ago. 2021.

SILVA, Jerônimo da Silva e. A cobra na cosmologia das rezadeiras amazônicas. *Ciências Sociais & Religião*, Campinas, v. 22, p. 1-22, 2020.

SILVA, Jerônimo da Silva e; PACHECO, Agenor Sarraf. Diásporas de encantados da Amazônia Bragantina. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 129-156, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/PvG9njmHHP9LwrthDBkX6hC/>.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

WEDIG, Josiane Carine; RAMOS, João Daniel Dorneles. A colonialidade nas práticas de saúde e as resistências de benzedeadas e mães de santo. *Mediações*, Londrina, v. 25, n. 2, p. 488-503, ago. 2020. Disponível em: <http://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/37000/32384>.

Recebido em: 20 de abril de 2024

Aceito em: 09 de julho de 2024